



ANPEd - Associação Nacional de Pós-Graduação e Pesquisa em Educação

13410 - Resumo Expandido - Trabalho em Andamento - 41ª Reunião Nacional da ANPEd (2023)
 ISSN: 2447-2808
 GT12 - Currículo

CURRÍCULO E FEMINISMO NEGRO: UMA CONVERSA INICIAL

Talita de Lima Gomes - UESB - UNIVERSIDADE ESTADUAL SUDOESTE BAHIA
 Nubia Regina Moreira - UNIVERSIDADE ESTADUAL DO SUDOESTE DA BAHIA

CURRÍCULO E FEMINISMO NEGRO: UMA CONVERSA INICIAL

Resumo: Este resumo expandido reflete uma pesquisa em andamento, que tem por objetivo investigar como as propostas, demandas das mulheres negras latino-americanas para o campo educacional tensionam/conservam o campo curricular para as subjetividades que as relações étnico-raciais intencionam criar. Para isso, adotamos perspectivas do Pensamento Feminista Negro, sobretudo o brasileiro, na composição do campo teórico. Em termos metodológicos, optamos pela escrevivência de Conceição Evaristo (2020) no que tange à escrita do texto e à escuta das participantes da pesquisa, via entrevistas semiestruturadas; e pela interseccionalidade como ferramenta analítica (COLLINS; BILGE, 2021), tomando como campo empírico a Rede Carioca de Etnoeducadoras Negras (ReCEN).

Palavras-chave: Currículo. Escrevivência. Feminismo Negro. Docências Negras. Educação.

Nas últimas décadas as universidades públicas brasileiras passaram por mudanças significativas, sobretudo no que tange a democratização desses espaços em termos de acesso e permanência, mas não só. “As ações afirmativas como políticas de promoção da igualdade racial na educação representam uma das maiores inflexões democráticas na educação brasileira dos últimos 20 anos” (GOMES; SILVA; BRITO, 2021, p.11). Trata-se de uma reconfiguração de forma e conteúdo, de disputas e indagações de ementas, programas de curso, projetos de extensão e iniciação científica, revisão de políticas de assistência estudantil, alterações nas disciplinas obrigatórias e eletivas ou optativas, dos efeitos dessa democratização na cultura acadêmica em geral e seus reflexos para fora do espaço universitário.

A percepção do espaço acadêmico como um lugar estratégico, apesar de não ser prioritário, está presente nas diferentes literaturas que discorrem sobre as construções históricas dos movimentos de mulheres negras desde a década de 80 (RIOS; MACIEL, 2018;

FIGUEIREDO, 2020; RODRIGUES; FREITAS, 2021), sejam eles feministas autônomos, interseccionais, entre outras vertentes. Compreende-se que essas mudanças, tanto dos movimentos sociais quanto da cultura acadêmica, estão inseridas num contexto político e social mais amplo, no país e América Latina, no debate educacional e no olhar para a sociedade como um todo.

Sobre a presença de pessoas negras das camadas populares no espaço universitário, Figueiredo afirma que “esse ingresso contribuiu para a formação de coletivos negros dentro e fora das universidades, que efetivamente estreitaram laços e alianças com os movimentos sociais, notadamente o movimento de mulheres negras” (2020, p.3). Sabemos que há variações nessas realidades a depender das regiões do país, se no interior ou nas capitais, em cidades, periferias, área rural ou quilombolas, linhas e grupos de pesquisa quando no cenário acadêmico. Compreendemos ainda, que, “o processo de construção e reconstrução curricular implica em experiências individuais e coletivas, marcadas por visões de mundo contextualizadas no tempo e espaço” (CRUSOÉ; PINA; MOREIRA, 2014, p.51).

Nesse sentido, nos interessa saber: como as propostas, demandas das mulheres negras latino-americanas para o campo educacional tensionam/conservam o campo curricular para as subjetividades que relações étnico-raciais intencionam criar? Considerando ainda que,

Ao tempo em que as discussões curriculares insistem na cobrança sobre inserção de conteúdos de História da África ou cultura afro-brasileira, professoras traçam estratégias para voltar às salas de aula em um contexto de luto coletivo por fome, covid e violência policial (OLIVEIRA, 2021, p.15).

Ainda, como “a necessidade de fixar placas com a frase “Não atire: escola!”, no teto das escolas do Complexo da Maré” (OLIVEIRA, 2021, p.15) entra ou deveria entrar no currículo? Pretende-se assim, a compreensão de como essas propostas curriculares têm sido forjadas e vivenciadas por mulheres negras professoras e pesquisadoras, presentes no espaço acadêmico e atuantes também na Educação Básica. Reconhecendo os avanços e desafios colocados, ainda patinamos numa perspectiva de currículo representativa ou tensionamos, por exemplo, práticas e instituições da segurança pública?

Para isso, no que tange à análise de dados, lançaremos mão do uso da escrevivência a partir de Conceição Evaristo (2020) e da interseccionalidade como ferramenta analítica, fundamentada por Collins e Bilge (2020), em consonância com o campo teórico, o pensamento feminista negro brasileiro, e com pressupostos do coletivo que temos como campo empírico, a Rede Carioca de Etnoeducadoras Negras (ReCEN). Escolhas forjadas com a consciência de que “a interseccionalidade se esforça para olhar o poder sobre vários ângulos e se perguntar que tipo de relação de poder está por trás daquelas que são mais visíveis em determinado contexto” (2020, p. 249). Nos interessa assim analisar a narrativa sobre práticas curriculares, produções e os depoimentos das professoras e sujeitas da pesquisa, via entrevistas semiestruturadas.

Até o dado momento da pesquisa, orientamo-nos pela revisão bibliográfica inicial, a saber, artigos que compõem a revista “Currículo Sem Fronteiras”, mais especificamente a seção temática “Raça e Gênero na Perspectiva dos Pensamentos de Mulheres Negras”, organizada por Fernanda Oliveira (UFPel) e Carla Meinerz (UFRGS); junto ao dossiê

“Saberes docentes de intelectuais negras: mediações outras frente ao ethos acadêmico”, da revista *Práxis Educacional* (UESB), organizado por Claudia Miranda (UNIRIO/ReCEN) e Núbia Regina Moreira (UESB). Sendo a seção e o dossiê do ano de 2019.

É a partir desta revisão que foi possível percebermos alguns eixos transversais característicos na vivência e elaboração curricular de mulheres negras. A relação universidade-escola tal como pesquisa-ensino numa tentativa menos dicotômica; a responsabilidade e os conflitos no exercício de docências negras; a importância dos espaços de educação não formal incluindo ambientes familiares e estendendo à atuação em pastorais, associação de moradores, coletivos comunitários, entre outros; o desejo de metodologias que considerem o imprevisível e não coisifiquem sujeitos; as negociações dentro do espaço acadêmico, a subjetivação e seus efeitos advindos da e culminantes na produção de conhecimento, rasuras curriculares refletidas e praticadas; individualidades e coletividades dentro da diversidade dos movimentos de mulheres negras.

O que aparece para nós nas buscas parciais pela teoria curricular calcada no pensamento feminista negro é que não se trata da substituição de cânones brancos por cânones negros, o que está em curso são mudanças de paradigmas educacionais com o protagonismo da atuação de mulheres negras na formação dessas comunidades acadêmicas e além.

Assim, com a presente pesquisa, pretende-se contribuir com a articulação e atuação de mulheres negras no campo educacional, sobretudo curricular; e explicitar aproximações e distanciamentos da teoria curricular com epistemologias feministas negras. Compreende-se, ainda, a pertinência desta investigação para o campo curricular e também para a atuação política e acadêmica de mulheres negras envolvidas no debate aqui proposto. Demarcando a participação efetiva dessas sujeitas nos processos históricos e na transformação da ciência, da educação e da sociedade (GOMES, SILVA, BRITO; 2021), incluindo seus limites e contradições.

REFERÊNCIAS

Currículo sem Fronteiras, v. 19, n. 2, p. 418-430, maio/ago. 2019. Seção Temática - Raça e Gênero na Perspectiva dos Pensamentos de Mulheres Negras. Organizadoras da Seção: Fernanda Oliveira (UFPel) e Carla Beatriz Meinerz (UFRGS).

CRUSOÉ, Nilma Margarida de Castro; PINA, Maria Cristina Dantas; MOREIRA, Nubia Regina. Definições de prática educativa em diferentes perspectivas sócio-educacionais. **Linguagens, educação e sociedade**. v. 19, p. 46-63, 2015.

COLLINS, Patricia; BILGE, Sirman. **Interseccionalidade**. 1ª ed. São Paulo: Boitempo, 2021.

EVARISTO, Conceição. A Escrivivência e seus subtextos. In: DUARTE, Constância L; NUNES, Isabella R. **Escrivivência: a escrita de nós**. Reflexões sobre a obra de Conceição Evaristo. Ilustrações Goya Lopes. Rio de Janeiro: Mina Comunicação e Arte, 2020.

FIGUEIREDO, Angela. Epistemologia insubmissa feminista negra decolonial. **Tempo e Argumento**, Florianópolis, v. 12, n. 29, e0102, jan./abr. 2020.

GOMES, Nilma Lino. SILVA, Paulo V. Baptista. BRITO, José Eustáquio de. Ações Afirmativas de Promoção da Igualdade Racial na Educação: Lutas, Conquistas e Desafios.

Educação & Sociedade, Volume 42, 2021.

MOREIRA, Núbia Regina. CARDOSO, Thaís Teixeira. Mulheres Negras em marcha contra o racismo, a violência e pelo bem viver: indício para um currículo antirracista. **Cadernos de Pesquisa**, São Luís, v. 28, n. 4, out./dez, 2020.

OLIVEIRA, Iris Verena. GIRAS DE ESCREVIVÊNCIAS: Miragens metodológicas para pesquisa no campo do currículo . **Revista Espaço do Currículo** , v. 14 , n. Especial , p. 1 20 2021 . ISSN 1983 1579 . DOI: <https://doi.org/10.22478/ufpb.19831579.2021v14nEspecial.61164>.

Revista Práxis Educacional, Vitória da Conquista - Bahia - Brasil, v.15, n.32, abr./jun. 2019 v. 15 n. 32 (2019): Dossiê Temático: Saberes docentes de intelectuais negras: mediações outras frente ao ethos acadêmico. Organizadoras do Dossiê: Claudia Miranda (UNIRIO) e Núbia Regina Moreira (UESB).

RIOS, Flavia; MACIEL, Regimeire. Feminismo negro em três tempos: mulheres negras, negras jovens ativistas e feministas interseccionais. **Labrys**, Brasília, n. 1, p. 120-140, 2018.

RODRIGUES, Cristiano; FREITAS, Viviane Gonçalves. Ativismo Feminista Negro no Brasil: do movimento de mulheres negras ao feminismo interseccional. **Revista Brasileira de Ciência Política**, nº 34. e238917, 2021, pp 1-54.